

QUILLO MBO EDUCACIONAL

UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORES
DE EDUCAÇÃO DOS ESTADOS
DE ALAGOAS, MARANHÃO E SERGIPE
PARA A PROMOÇÃO DE
ESPAÇOS SEGUROS E ANTIRRACISTAS

EDIÇÃO I



AUTORES



**DILSON
GONZAGA
SAMPAIO**



MARIA CLAUDIA



**JOAO CARLOS
RIBEIRO**



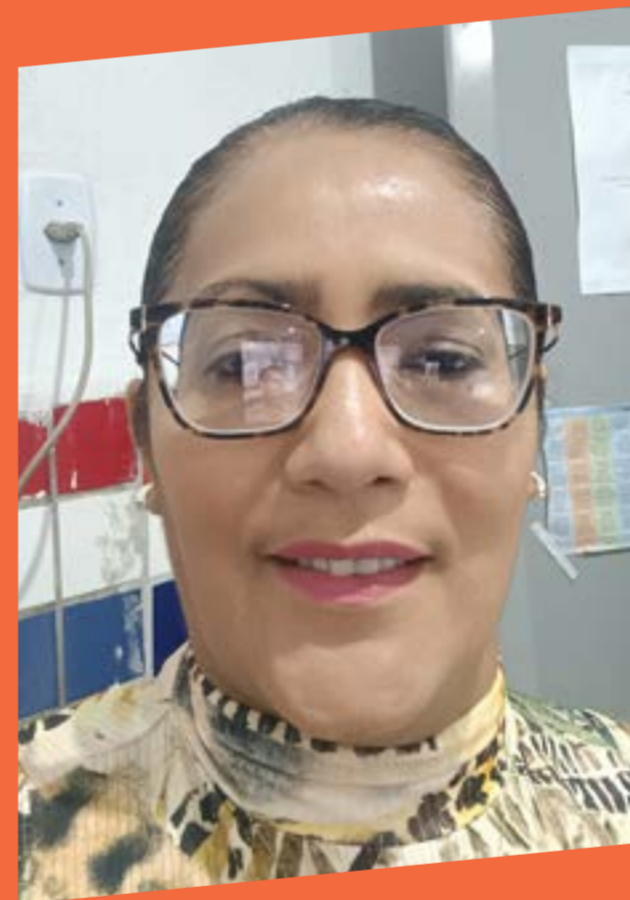
**LUCIO ROGÉRIO
COSTA**



**VICTOR MATA
VERÇOSA**



**LUCIANO
RODRIGUES**



**REILMA CÉLIA
MORAIS**



**RODRIGO
GALDINO**

**EU ME RECUSO A
SER APENAS UM
OBSERVADOR DE
UMA INJUSTIÇA
SISTÊMICA.**

Eu sou Vítor Del Rey, Presidente e fundador do Instituto GUETTO, e um dos idealizadores do novo lançamento: Quilombo Educacional - Uma experiência com Gestores de Educação dos Estados de Alagoas, Maranhão e Sergipe para a promoção de espaços seguros e Antirracistas.

Instituto GUETTO, acrônimo de Gestão Urbana de Empreendedorismo, Trabalho e Tecnologia Organizada, referência em espaços de transformação e emancipação, vem liderando, desde 2015, projetos e parcerias bem-sucedidas na iniciativa pública e no mercado corporativo, abrangendo áreas como pesquisas e palestras, desde a educação básica até o ensino superior, programas de empreendedorismo, empregabilidade, consultorias e treinamentos corporativos. Essas iniciativas têm como objetivo potencializar a vida das pessoas negras e indígenas, contribuindo para a criação de uma sociedade justa que proporciona as ferramentas necessárias à democratização do acesso às melhores oportunidades.

É nesse contexto dinâmico que o programa Quilombo Educacional encontra seu terreno fértil para semear mudanças profundas, entendendo a “comunidade de práticas” não como um fim em si mesma, mas como uma ponte para o Aquilombamento – um processo de resgate e reinvenção da experiência negra que atravessa o convívio colaborativo. Inspirados pelo Quilombismo de Abdias Nascimento e reforçados pela ideia do Negro Vida proposto por Alberto Guerreiro Ramos, partimos da compreensão de que, para uma vivência negra autêntica, a troca de saberes e práticas deve impulsionar uma transformação estrutural, rompendo com modelos estabelecidos e desafiando o status quo.

As reflexões de Sueli Carneiro, Lélia Gonzáles e Cida Bento são indispensáveis nesse percurso, pois evidenciam que a responsabilização de cada ator do sistema educacional é um imperativo inadiável no combate ao racismo estrutural. O Aquilombamento propõe um recomeço que não surge do nada, mas sim do resgate de raízes e saberes ancestrais que sempre fizeram parte de nossas práticas. Ao reinventar as práticas pedagógicas, ele transforma a escola em um espaço de (re)-existência e (re)-inovação, onde o diálogo entre o passado e o presente revela uma continuidade de lutas e conquistas. Essa proposta – tão ousada quanto necessária – não desafia apenas a norma estabelecida, mas reafirma que a verdadeira emancipação passa pela coragem de assumir compromissos profundos e transformadores que promovem a justiça, sem jamais desconsiderar a riqueza dos conhecimentos que nos antecederam.



Fundado em 1982, o Instituto Unibanco atua para a melhoria da educação pública no Brasil por meio da gestão educacional para o avanço contínuo. O Instituto apoia e desenvolve soluções de gestão para aumentar a eficiência do ensino nas escolas públicas. Além de resultados sustentáveis de aprendizagem, trabalha pela equidade no ensino, tanto entre as escolas, como no interior de cada uma delas, com base em quatro valores fundamentais: valorizar a diversidade, acelerar transformações, conectar ideia e ser orientado em evidências.

O Instituto Unibanco também desenvolveu uma estratégia inovadora de formação e desenvolvimento profissional dos gestores escolares das redes públicas de ensino. Com o intuito de apoiar as redes com uma perspectiva sustentável e bottom-up*, o objetivo é fortalecer a atuação dos gestores para que a educação seja referência de boa gestão pública no Brasil, promovendo resultados, equidade e mais democracia.

A construção da estratégia de apoio à formação e desenvolvimento profissional dos gestores educacionais está fundamentada nas evidências científicas sobre o papel da liderança educacional na transformação educacional, na experiência do Instituto Unibanco com programas de melhoria de gestão e na escuta de profissionais da educação de diversas redes de ensino.

Tal iniciativa tem como premissa o apoio ao desenvolvimento de conteúdos e metodologias junto a instituições parceiras (públicas e privadas), a qualificação do trabalho de agentes formadores por meio de assessoria institucional e a valorização da prática gestora, por meio de comunidades de aprendizagens e pesquisas.



“A importância do Projeto Quilombo educacional é justamente potencializar o letramento racial dos gestores escolares para a efetivação de uma educação antirracista.”

*Secretaria de Estado da Educação
e da Cultura de Sergipe*

“Este eBook é um exemplo de como a união de esforços e ideias pode gerar resultados inspiradores e transformadores.”

Maria José da Silva

*Secretaria de Estado da Mulher e dos
Direitos Humanos - SEMUDH/AL*

“Este eBook evidencia o compromisso e a dedicação dos gestores escolares na construção de uma educação mais equitativa e antirracista, inspirando novas práticas e transformações.”

Roseane Ferreira Vasconcelos

Secretária de Estado da Educação de Alagoas

“O Projeto Quilombo Educacional é extremamente importante na contribuição da formação de educadoras e educadores para a implementação da Educação Antirracista em nosso país.”

Maria do Socorro Guterres

*Secretária Adjunta da Secretaria de Estado Extraordinária
de Igualdade Racial do Maranhão.*

“O Projeto Quilombo Educacional significa para a rede estadual de ensino do Maranhão, uma ação estruturante e estratégica para o fortalecimento das políticas de equidade, para a Educação das Relações Étnico-Raciais e a Educação Escolar Quilombola”.

Jandira Dias de Araújo Silva

Secretária de Estado da Educação do Maranhão

INTRODUÇÃO

O **Instituto Guetto** é uma organização comprometida com a promoção da equidade racial, atuando na educação, inserção por meio do trabalho, pesquisa e incidência política. Acreditamos que a transformação da sociedade passa pela valorização da cultura e da história negra, pela ampliação de oportunidades para pessoas negras e pelo enfrentamento do racismo estrutural em diferentes instituições. Nosso trabalho se baseia na construção coletiva de soluções que garantam um país mais justo e igualitário, onde a educação desempenha um papel fundamental na redução das desigualdades raciais.

Foi a partir desse compromisso que nasceu o **Quilombo Educacional**, um projeto inovador voltado para o fortalecimento de gestores escolares na implementação de práticas antirracistas. O projeto foi desenvolvido em parceria com o **Instituto Unibanco** e estruturado com base no conceito de **Comunidades de Prática**. Essas comunidades formam espaços contínuos de aprendizado e troca entre gestores escolares, possibilitando reflexões sobre o racismo estrutural na educação e estimulando o desenvolvimento de estratégias concretas para combatê-lo.

O Quilombo Educacional teve como objetivo criar um ambiente seguro e colaborativo para que gestores discutissem os desafios raciais em suas escolas, compartilhassem experiências e construíssem ações que pudessem transformar a gestão escolar. O projeto foi implementado nos estados do **Maranhão, Alagoas e Sergipe**, promovendo encontros semanais e visitas presenciais para fortalecer o vínculo entre os participantes e aprofundar a discussão sobre equidade racial.

Além dos encontros regulares, o Quilombo Educacional também incentivou a produção de trabalhos finais pelos gestores participantes. Esses textos, reunidos neste e-book, representam um importante registro da evolução dos participantes ao longo do projeto. Eles trazem reflexões sobre os desafios enfrentados no ambiente escolar, as mudanças implementadas e as estratégias desenvolvidas para consolidar uma gestão verdadeiramente antirracista.

Este e-book não apenas documenta as vivências e aprendizados do Quilombo Educacional, mas também serve como uma ferramenta para inspirar outros gestores e educadores comprometidos com a equidade racial. Acreditamos que fortalecer redes de troca e aprendizado é essencial para garantir que a luta por uma educação antirracista se torne um compromisso duradouro dentro das escolas. A experiência do Quilombo Educacional reafirma que transformar a educação é um processo coletivo, e que a construção de um espaço escolar mais inclusivo passa pelo reconhecimento das desigualdades raciais e pela atuação intencional na superação dessas barreiras.



A METODOLOGIA DE COMUNIDADES DE PRÁTICA:

Uma **Comunidade de Prática** é um espaço de aprendizado coletivo no qual pessoas com um interesse ou desafio comum se reúnem regularmente para compartilhar conhecimentos, trocar experiências e aprimorar suas práticas. O conceito foi introduzido por **Jean Lave e Étienne Wenger**, que descreveram essas comunidades como formas de aprendizagem situadas, ou seja, onde o conhecimento se constrói a partir da interação e da prática cotidiana dos membros.

No contexto do **Quilombo Educacional**, as Comunidades de Prática foram estruturadas para reunir **gestores escolares de diferentes estados** (Alagoas, Sergipe e Maranhão), promovendo um espaço seguro e colaborativo para a discussão de **desafios raciais no ambiente escolar**. A proposta central era fomentar a troca de experiências sobre racismo estrutural na educação, permitindo que os gestores identificassem barreiras, desenvolvessem estratégias e consolidassem ações antirracistas de maneira coletiva.

As Comunidades de Prática foram organizadas em **encontros semanais** e divididas por estado, garantindo que os gestores interagissem com pares que enfrentam realidades semelhantes. Essa estrutura proporcionou maior familiaridade e confiança entre os participantes, facilitando a exposição de experiências e o aprofundamento das reflexões.

Cada encontro foi guiado por três pilares principais:



1. ESCUTA ATIVA E ACOLHIMENTO DAS EXPERIÊNCIAS

- Os gestores compartilhavam desafios enfrentados no combate ao racismo em suas escolas, como resistência de professores, estudantes e famílias.
- Relatos de casos concretos, estudos de caso e análises de dados foram utilizados para embasar as discussões.
- A escuta ativa criou um ambiente de confiança para que gestores se sentissem seguros para expor situações delicadas.

2. TROCA DE EXPERIÊNCIAS E CONSTRUÇÃO COLETIVA

- Compartilhamento de boas práticas, como projetos pedagógicos que valorizam a cultura afro-brasileira e indígena, a implementação de comitês antirracistas e parcerias com instituições.
- Discussão de desafios institucionais, como resistência política e falta de recursos, e estratégias para superá-los.

3. PLANEJAMENTO E APLICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS

- Desenvolvimento de planos de ação para tornar as escolas mais inclusivas e comprometidas com a equidade racial.
- Implementação de atividades pedagógicas antirracistas, formações para professores e sensibilização da comunidade escolar.



Além dos encontros virtuais, o Quilombo Educacional também promoveu **encontros presenciais** nos três estados, que permitiram aprofundar discussões e visitar escolas para compreender melhor seus desafios.

As Comunidades de Prática desempenharam um papel fundamental na **construção de uma educação antirracista**, pois proporcionaram um ambiente de aprendizado contínuo e fortalecimento da rede de gestores comprometidos com a transformação escolar. Ao longo do projeto, muitos gestores passaram de um olhar inicial pouco aprofundado sobre a questão racial para uma postura mais ativa na implementação de mudanças dentro das escolas.

Esse modelo de troca e colaboração permitiu que gestores se apoiassem mutuamente, identificassem desafios comuns e desenvolvessem soluções práticas para garantir um ambiente escolar mais equitativo. Dessa forma, as Comunidades de Prática do Quilombo Educacional foram muito mais do que espaços de debate – **foram espaços de resistência, aprendizado e construção de um novo modelo de gestão escolar comprometido com a equidade racial.**

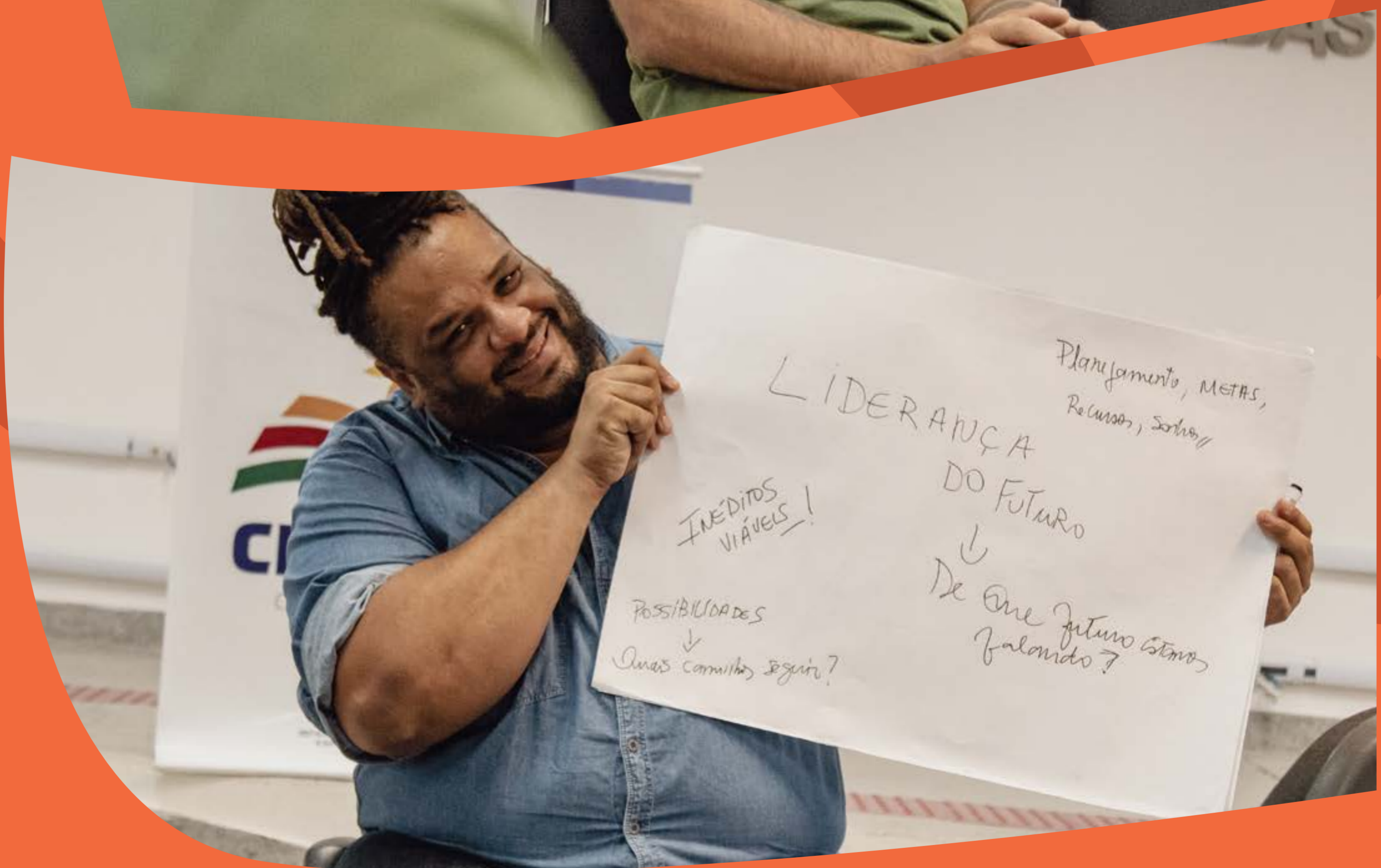


QUILOMBO EDUCACIONAL

UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORES DE EDUCAÇÃO DOS ESTADOS DE ALAGOAS, MARANHÃO E SERGIPE PARA A PROMOÇÃO DE ESPAÇOS SEGUROS E ANTIRRACISTAS

SERGIPE





DESAFIOS DE UMA GESTÃO COM FOCO EM ANTIRRACISMO.

A crença disseminada de que o racismo estrutural não existe, e com isso alimentação da cultura do silenciamento diante da opressão racial. Por mais que as leis garantam a igualdade entre os povos, o racismo é um processo histórico que modela a sociedade até hoje.

O papel do gestor escolar é fazer a diferença no ambiente de trabalho e para quem trabalha, combatendo qualquer tipo de intolerância na escola, que está sob os seus cuidados, inclusive o racismo. Manter conversas para conscientizar sobre o racismo, criar espaços genuinamente seguros onde os estudantes possam sentir-se seguros e acolhidos.

O combate ao racismo deve ser uma prática diária, que começa no acolhimento diário dos estudantes, no olhar com afeto, na escuta ativa dos estudantes, na conversa com os professores sobre a observação nas aulas sobre práticas de atos racistas. No planejamento com os professores, sobre aulas onde fale sobre o racismo, palestras com agentes externos mostrando casos reais, para que os alunos se indignem com tais atos e possam se colocar no lugar do outro. Nas reuniões com os servidores, orienta-los a coibir e na observação de atos racistas nos corredores da escola.

E mesmo diante de tantas ações na escola, não impediu de que estudantes ou da nossa escola, sofresse racismo. Pois, em um evento com visita ao público, o aluno nosso, negro, sofreu racismo por parte de alunas de uma escola considerada de elite, da nossa cidade. O fato gerou um grande desconforto na escola, com os professores indignados com o ocorrido. Os estudantes criaram um grupo para conscientização na escola, criaram um instagram denominado Cidadania Calazans para tratar sobre o caso e atos de conscientização. Tivemos palestra com a polícia Federal falando sobre racismo, bullying e crimes cibernéticos. Além do desenvolvimento e culminância do Projeto Reconhecendo a Africanidade.



Ser gestor antirracista, não é tarefa fácil. Principalmente quando você se posiciona, em defesa dos estudantes negros ou descendentes, numa sociedade elitista, onde tem muitos racistas disfarçados.

Combater o racismo deve ser encarado como um ato de coragem. Coragem de se posicionar, coragem de encarar políticos e chefes racistas em prol de uma educação de qualidade, sem distinção, com direitos e deveres iguais para todos.

Muito importante ao longo dessas experiências contar com um espaço em que possamos dialogar com outros gestores e buscarmos juntos e juntas soluções e possibilidades que possam ser aplicáveis nas escolas. Fazer parte desse espaço, fortaleceu e facilitou muito nosso conhecimento sobre temas étnicos-raciais.



PALESTRA COM A POLÍCIA FEDERAL



UMA GESTÃO ANTIRRACISTA: PRÁTICAS DE COMBATE AO RACISMO NO COLÉGIO ESTADUAL JOÃO BATISTA NASCIMENTO.

Como Gestor do Colégio Estadual João Batista Nascimento, pertencente à Rede Pública Estadual de Sergipe, tendo como horizonte a luta antirracista. Reconhecendo-se como uma instituição comprometida com a educação inclusiva e a valorização da diversidade, o gestor, um educador negro e militante do MNU. Sendo assim o gestor uniu-se aos profissionais da instituição para detectar os diversos casos de racismo que acontecem no ambiente escolar. Inspirando-se em Nilma Lino Gomes e Kabengele Munanga, para afirmar que:

[...] cremos que a Educação é capaz de dar tanto ao jovens quanto aos adultos a possibilidade de questionar e de desconstruir os mitos de superioridade e de inferioridade entre grupos humanos que foram socializados [...] não temos dúvidas que a transformação de nossas cabeças de professores é uma tarefa preliminar importantíssima. Essa transformação fará de nós os verdadeiros educadores, capazes de contribuir no processo de construção de individualidades históricas e culturais das populações que formam a matriz plural do povo e da sociedade brasileira. (Gomes, Munanga, 2004, p. 13)

Com base nessa perspectiva, foram realizadas rodas de conversa como metodologia para ampliar a voz dos/das alunos e alunas negros(as). Essas práticas possibilitaram a ampliação do diálogo, servindo como fonte de reflexão e discussão nas reuniões pedagógicas, no Conselho de Classe e no Conselho Escolar.

A partir dessas reflexões, a gestão compreendeu a importância de sua atuação como o articulador de ações voltadas à implementação da educação antirracista, conforme prevê a Lei 10.639/2003. Desde o início da gestão, em 1º de fevereiro de 2023, foram iniciadas formações continuadas para docentes e funcionários, com foco na educação antirracista como objeto de estudo.

REFERÊNCIAS:

1. O Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização que luta pela igualdade racial e contra a discriminação no Brasil. Foi fundado em 1978
2. Lisandro Rafael
3. Djamila Ribeiro, Almeida Junior, Severo Severo D´Acelino, Suely Carneiro e Nilma Lino Gomes.
4. Acontece a cada duas vezes por mês no colégio e tem como foco o empoderamento da juventude negra da nossa comunidade.
5. Sistema de Informação da Secretaria de Educação, da Cultura de Sergipe.



Em colaboração com o Professor de História, formou-se um Clube de Leitura e Escrevivência Antirracista, voltado para estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental 2 e do Ensino Médio. Essa atividade é realizada duas vezes por mês utilizam como metodologia rodas de conversas e debates sobre textos previamente selecionados.

Dessa forma, o Clube de Leitura e Escrevivências antirracistas, favoreceu autores negros e negras, educando, formando e conscientizando todos os participante. A vivência do gestor junto ao âmbito escolar proporcionou maiores condições para planejar outras ações, como a criação do Observatório da Juventude Negra-JBN. Esse projeto destina-se a refletir sobre questões de gênero, sexualidade, política, extermínio da população negra e afro-empresendedorismo. A iniciativa mobilizou estudantes do Ensino Médio e das turmas do EJA (Educação de Jovens e Adultos do Ensino Fundamental e Médio), além de contar com a participação da comunidade, da Universidade, da OAB-SE (Ordem dos Advogados do Brasil), da SEDUC-SE (Secretaria de Estado da Educação e da Cultura de Sergipe), de Intelectuais Negros Sergipanos e de Professores e Professoras.

Considerando que a formação do âmbito escolar é composta por mães negras solo e estudantes em situação de risco alimentar e vulnerabilidade. Segundo a plataforma Siga 97%, da nossa comunidade estudantil se autodeclararam negras.

REFERÊNCIAS:

1. O Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização que luta pela igualdade racial e contra a discriminação no Brasil. Foi fundado em 1978

2. Lisandro Rafael

3. Djamilia Ribeiro, Almeida Junior, Severo Severo D´Acelino, Suely Carneiro e Nilma Lino Gomes.

4. Acontece a cada duas vezes por mês no colégio e tem como foco o empoderamento da juventude negra da nossa comunidade.

5. Sistema de Informação da Secretaria de Educação, da Cultura de Sergipe.



A iniciativa “Hora do Desjejum” surgiu a partir de uma escuta sensível aos relatos feitos pela comunidade, que, em algumas ocasiões, não enviavam seus filhos (alunos) à escola devido à falta de alimentos em casa. Após ouvir a comunidade, a gestão reconheceu a necessidade de oferecer um café da manhã (desjejum), uma ação que busca mitigar a insegurança alimentar e garantir a presença dos estudantes.

Assim, enquanto gestor e conhecedor da importância da educação antirracista, não conseguiria sozinho implementar as diversas ações aqui relatadas. Conto com a colaboração da SEDUC-SE, DRE08, Instituto Guetto, Professores, Professoras, Funcionários, Funcionárias e a Comunidade Escolar. Um Quilombo feito por vários braços e forças, que convergem na luta racial e na busca pela reparação de direitos.

BRASIL. Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 16 de janeiro de 2025.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos. São Paulo: Global: Ação Educativa Assessoria, Pesquisa e Informação, 2004 (Coleção Viver, Aprender).

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOURA, Glória. Navio Negroiro-Batuque no Quilombo. São Paulo: CNNCT, 1996.

MUNANGA, Kabengele (org.). Superando o Racismo na Escola. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

PASSOS, Flávio José dos. A urgência de um processo de desconstrução do racismo institucional rumo a verdadeira democracia racial. Educafro, São Paulo, p. 1-10, 2012. Disponível em: <http://www.educafro.org.br/site/wp-content/uploads/2021/01/EDUCAFRO-prova-de-cidadania-tema10-racismo-institucional.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2022.

PRADO, Maria Emília. Memória das desigualdades: os impasses das cidadanias no Brasil. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

RIOS, Terezinha A. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2006.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho. Almanaque Pedagógico Afro-brasileiro. Belo Horizonte: Mazza, 2007.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. A invenção do ser negro: um percurso das ideias quenaturalizam a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ/Fapesp, 2002.

REFERÊNCIAS:

1. O Movimento Negro Unificado (MNU) é uma organização que luta pela igualdade racial e contra a discriminação no Brasil. Foi fundado em 1978

2. Lisandro Rafael

3. Djamila Ribeiro, Almeida Junior, Severo Severo D´Acelino, Suely Carneiro e Nilma Lino Gomes.

4. Acontece a cada duas vezes por mês no colégio e tem como foco o empoderamento da juventude negra da nossa comunidade.

5. Sistema de Informação da Secretaria de Educação, da Cultura de Sergipe.



A CONSTRUÇÃO DE UM NÚCLEO DE ESTUDOS DE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO ENSINO MÉDIO:

A EXPERIÊNCIA DO CENTRO DE EXCELÊNCIA

“BARÃO DE MAUÁ”(*)

*Victor Wladimir Cerqueira Nascimento (**)*

*Luciano Rodrigues dos Santos (***)*

O Centro de Excelência “Barão de Mauá” intensificou seus trabalhos de inclusão social, principalmente os referentes à história e cultura afro-brasileira e de povos originários brasileiros em conformidade com a Lei 11.645/08. A partir de 2023, demos sistematicidade no combate ao racismo estrutural, através de diversas práticas do projeto “Escola Antirracista”. Iniciamos no Dia Internacional Contra a Discriminação Racial e Dia Nacional das Tradições de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé (Lei 14.519/23), quando houve homenagens e palestra sobre as religiões de matrizes africanas. A partir daí quisemos dar consistência à nossa abordagem, indo além de datas comemorativas, e construímos disciplinas eletivas: “Capoeira do Barão: roda de estudantes”, “Dança: expressões e interseccionalidade”, “Cinema negro”, “Na quebrada dos manos: o racismo estrutural” e “Mitologia dos Orixás”.

O edital para Concessão do Selo Escola Antirracista “Professora Maria Beatriz Nascimento” da Secretaria de Estado de Educação e Cultura (SEDUC/SE), serviu de estímulo e elaboramos, junto com a comunidade escolar, a Carta Compromisso, Plano de Trabalho e Protocolo Antirracista. Além disso, a elaboração de uma trilha formativa autoral, proposta pelos professores das áreas Ciências Humanas e Linguagens, intitulada de “Estudos da África, da Diáspora e dos Povos Originários”, serviu como espinha dorsal para o projeto, onde foram abordados conteúdos de história, geografia, sociologia, arte, educação física, língua portuguesa e filosofia africanas e dos povos originários (Lei 11.645/08). Construímos o mural “Escola Antirracista”, expondo a legislação vigente e os documentos escolares sobre o tema, criamos o acervo sobre as questões étnico-raciais na biblioteca.



Em 2024, recebemos o Selo Escola Antirracista “Professora Maria Beatriz Nascimento”, por práticas pedagógicas antirracistas e retomamos nossas atividades: elaboramos novas eletivas, que vieram se juntar às anteriores, como “Arte e Identidade: Expressões da Diversidade Cultural Afro-Brasileira”; apresentamos o filme “Espelho”, de Luciana Oliveira Vieira, e discutimos com a diretora sobre o cinema negro no Brasil e em Sergipe. No “Abril Indígena”, houve apresentação dos grupos indígenas Swbatkera e Kraxikliá da aldeia Kariri Xocó. Focamos na “Campanha de Autodeclaração Étnico-Racial”, resultando num mural com o mesmo nome; palestra “Não foi só uma brincadeira, foi racismo”, com MC’s Thaty, Nina Selva e Mali na Voz; concurso de Redação “Escola Antirracista”, com o tema “O combate ao racismo recreativo nas escolas”; concurso de Graffite Antirracista; grupo de estudos de relações étnico-raciais e gênero; Projeto “Escola vai ao Terreiro”; e Semana da Consciência Negra, com diversos eventos e oficinas.



E com a parceria firmada, em junho de 2024, entre o Instituto Guetto e a Secretaria de Estado da Educação e da Cultura de Sergipe, fomos contemplados para participar do Projeto Quilombo Educacional, coordenado pelo Instituto, que nos enriqueceu com a apresentação de diversas ações produzidas em muitas escolas públicas por meio das Comunidades Práticas e nos enchendo de orgulho pelo trabalho que estamos fazendo em prol do bem comum, combatendo as desigualdades de quaisquer natureza, e em especial, a que se refere ao racismo presente em nossa sociedade.

A partir dessas experiências, tanto os professores quanto o alunado sentiram a necessidade de ampliar o grupo de estudos para Núcleo de Estudos de Relações Étnico-Raciais, Gênero e Sexualidade (NERERGS) em 2025.



OS DESAFIOS DA GESTÃO DE UMA ESCOLA EM CONTEXTO DE QUILOMBO URBANO: O CASO DA ESCOLA LUIZ ALVES FERREIRA OS DESAFIOS DA GESTÃO DE UMA ESCOLA EM CONTEXTO DE QUILOMBO URBANO: O CASO DA ESCOLA LUIZ ALVES FERREIRA

Lúcio Rogério Costa Viana

A gestão escolar no território quilombola da Liberdade, enfrenta desafios singulares principalmente por ser uma comunidade marcada por desigualdades sociais, violência e diversidade cultural. Aqui busco pontuar o papel da gestão escolar na construção de uma identidade quilombola para a escola e na implementação de uma educação que valorize as relações étnico-raciais.

O Centro Educa Mais Luiz Alves Ferreira, inserida no Quilombo Urbano da Liberdade, carrega a responsabilidade de se constituir como um espaço de valorização da ancestralidade e da cultura afro-brasileira. Nesse contexto, a gestão escolar tem um papel fundamental na condução de uma construção uma identitária que valorize com as raízes históricas e culturais da comunidade. Para isso, é essencial a elaboração de um projeto político-pedagógico lastreado na Lei 10.639/2003, que torna obrigatória a inserção da história e cultura afro-brasileira no currículo. Além disso, por se tratar de uma escola em tempo integral de nível médio surge o desafio também de adequar o modelo de escola à realidade socioeconômica da comunidade. Do ponto de vista institucional esse no meu entender é o primeiro desafio da gestão do Luiz Alves Ferreira, fazer com que um modelo de escola relativamente novo (tempo integral) seja aceito em sua totalidade e ainda contribua para a valorização de identidades diversas, numa comunidade que também recentemente foi alçada a categoria de território quilombola.



Dessa forma, gerir a escola tendo como objetivo fazer com que ela seja um meio de valorização dos elementos culturais exige uma gestão participativa e dialógica, capaz de envolver a todos nas decisões pedagógicas e administrativas. Isso implica a adoção de metodologias ativas, de projetos que resgatem a memória coletiva, rodas de conversa com alunos e pais e atividades que fortaleçam os laços comunitários. Dessa forma, é possível a escola transcender o mero papel tradicional de transmissão de conteúdos e se torna um espaço de vivência, de troca de saberes, resistência e empoderamento social.

Contudo, alcançar esse tipo de escola e fazer pedagógico tem sido um grande desafio imposto pelas próprias características do público que a escola atende, por exemplo, por algumas vezes se tentou a metodologia de grupos interativos que consiste em convidar um ou mais pais, membros da comunidade para participar de uma aula para que possa haver interação entre alunos, professor e o responsável de algum aluno. Porém, quase sempre o que se percebe é a negativa do responsável alegando não poder comparecer porque o mesmo está no trabalho, tem afazeres outros, etc... Com isso, a participação da comunidade no fazer pedagógico da escola é um desafio ainda a ser superado pela gestão da escola Luiz Alves Ferreira.



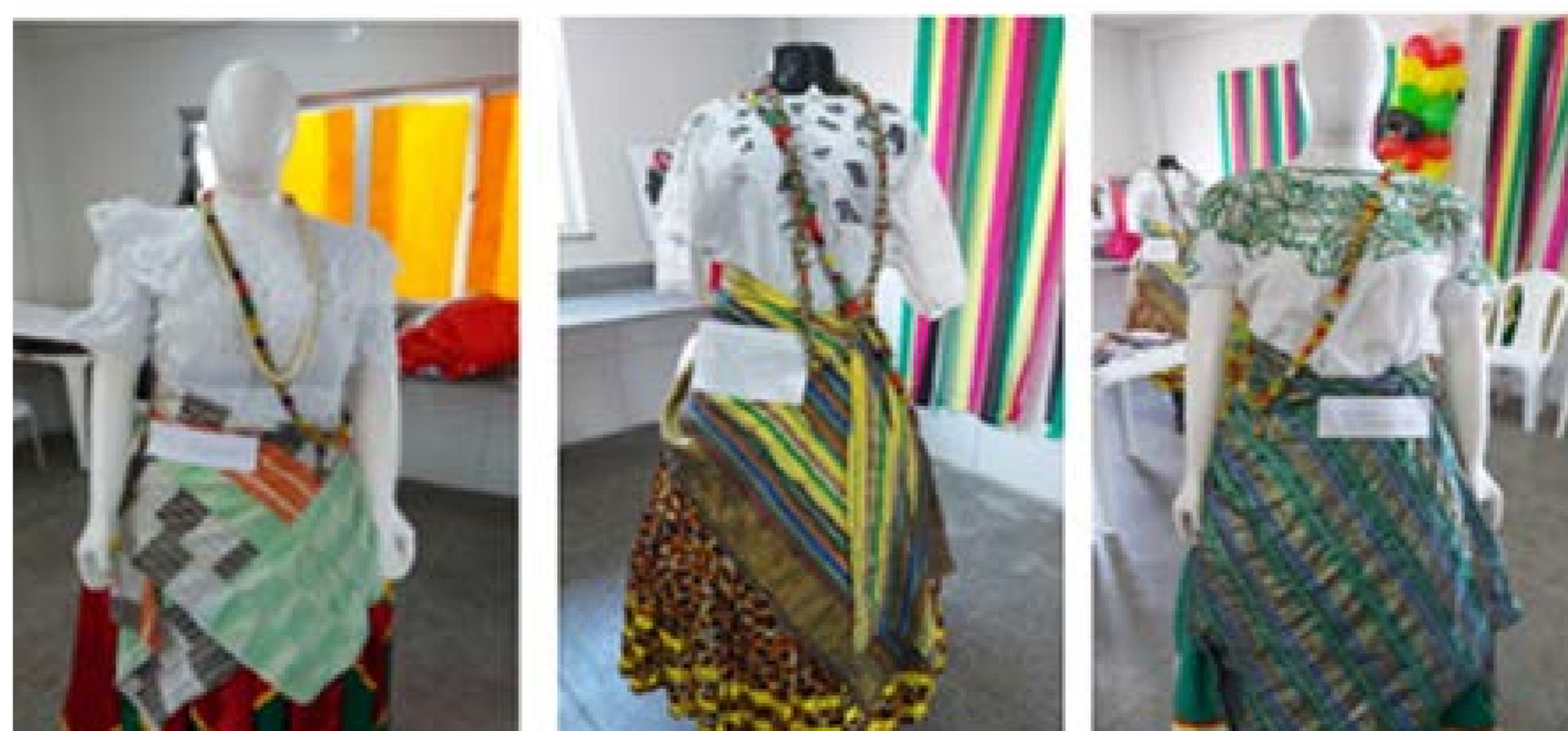
MARANHÃO



Um outro desafio a ser superado pela gestão da escola é prover uma formação que não se limite a tentar preparar os jovens para o mercado de trabalho. Aqui por se tratar de uma escola quilombola deve também ter como objetivo fundamental uma formação cidadã que combata o racismo e valorize a diversidade. Contudo, nesse cenário de reforma sobre reforma do Ensino médio no Brasil, a gestão escolar enfrenta desafios significativos a concretização de uma educação voltada de fato para as relações étnico-raciais.

Dentre esses desafios podemos citar primeiramente a necessidade de formação continuada dos docentes para trabalhar as questões étnico-raciais de maneira crítica e sensível. Muitos professores ainda não possuem o preparo necessário para abordar temáticas como racismo, identidade e ancestralidade de forma transversal e significativa. A própria rede de ensino estadual não dispõe de um programa de formação focado para tal temática. Com isso cabe a gestão escolar articular parcerias com instituições de ensino superior e movimentos sociais para capacitar a equipe pedagógica. E mesmo que todas as formações e parcerias consigam se concretizar, a rotatividade de professores anualmente na escola faz com que não se veja com clareza o resultado das formações na prática de alguns docentes.

Outro desafio é o enfrentamento das desigualdades sociais que impactam diretamente o cotidiano escolar. A pobreza e a vulnerabilidade social presentes no território refletem-se nas dificuldades de aprendizagem e baixa participação das famílias no ambiente escolar. Esse tem sido um enclave nos trabalhos da gestão, gerando um impacto negativo no trabalho da escola.



orém, nem tudo são angústias e frustrações na gestão da escola Luiz Alves Ferreira, temos como um ponto de grande destaque a valorização da religiosidade de matriz africana e afro-brasileira na nossa escola. A diversidade religiosa e cultural do Quilombo da Liberdade, especialmente a forte presença das religiões de matriz africana, é um patrimônio que a escola tem valorizado nos trabalhos pedagógicos. Há uma preocupação pela gestão de que a diversidade religiosa e cultural esteja presente nos mais diversos momentos pedagógicos da escola e não apenas datas alusivas.

A experiência de compor as Comunidade Práticas, do Projeto Quilombo Educacional, nos oportunizou não só olhar para a nossa jornada com mais cuidado e mais estratégia, como conhecer iniciativas dos outros gestores da rede que também empreendem feitos na luta antirracista. Foi muito importante para nossa trajetória se interligar com outros profissionais que estão trilhando o mesmo percurso, mas com expertises diferentes.

Entendemos o quão caro e importante é nos organizarmos para termos um protocolo que nos ajude a guiar nossa experiência na construção de um espaço seguro.



EXPOSIÇÃO SOBRE RELIGIÕES AFRO-BRASILEIRAS



DESAFIOS DE UMA GESTÃO COM FOCO EM ANTIRRACISMO

Meu nome é Reilma Célia Morais, Pedagoga e Funcionária Pública. Atuo em Gestão Escolar desde o ano de 2016 assumindo nesse tempo a Gestão Geral e Pedagógica. Atualmente, estou na Gestão Geral do Centro de Ensino Dr Geraldo Melo e cheguei aqui há 1 ano e 8 meses.

A Gestão é um desafio. Liderar pessoas não é fácil. Quando vim participar das Comunidades Práticas do Quilombo Educacional, uma das primeiras perguntas que me foi feita, era se eu já havia evidenciado casos de racismo na minha escola, e nos espaços em que passei. Minha resposta foi não. Desde a primeira pergunta fiquei pensativa pois ouvimos tantos casos de racismo e preconceito nas ruas, supermercados, estádios, etc. Como não ter nenhum caso na escola?

Era uma pergunta que eu precisava compartilhar com a Comunidade Escolar pois há fatos que muitas das vezes não conseguimos enxergar, mesmo estando sempre presente na escola. Ao ouvir professores e alunos percebi que haviam vários casos, “brincadeiras” e deboches de cunho racial, ou seja, tínhamos vários casos. Inclusive, descobri que uma professora passou por uma situação de racismo vindo de uma servidora da equipe pedagógica.

Todas essas situações levaram-me a refletir e buscar mais leituras e orientações para que a nossa escola pudesse evoluir e promover discussões sobre o tema e criar um plano estratégico de ações para garantirmos um espaço livre de toda e qualquer opressão.

A discussão no âmbito escolar não é simples, mas é necessária e crucial. É preciso mexer em muitos lugares sensíveis para alcançarmos o resultado. Por isso, após adentrar as Comunidades Práticas e ter a oportunidade de compartilhar com outros gestores experiências vivenciadas e conhecer as soluções adotadas, comecei a levar o tema



para as reuniões com líderes de turmas, os planejamentos com os professores e as reuniões de pais. Fiz a provocação e inserir os pares nessa responsabilidade de (co) criar esse espaço. É necessário que toda a comunidade escolar reflita, discuta, construa e busque valorizar toda a diversidade presente no ambiente escolar.

Falar sobre o racismo, entendo, como ser o marco inicial para a construção de uma escola que busca equidade e igualdade. Precisamos desconstruir falas, “brincadeiras” e preconceitos cotidianos no âmbito escolar elevando a auto estima dos nossos alunos e ampliando a visão dos nossos alunos, professores, pais e colaboradores.

Enquanto Gestora preciso reconhecer o racismo presente na escola, discutir, refletir e combater conscientizando a todos. Preciso dialogar constantemente com a comunidade escolar para que não haja omissão de nenhuma situação. É preciso planejar ações, aulas, debates e estudos dirigidos junto aos professores para que possamos garantir os estudos acerca do racismo em sala de aula. É preciso ir além de atividades apenas no mês de novembro como se a escola se tivesse preocupação no mês da Consciência Negra. O estudo deve ser constante! É preciso proporcionar palestras e atividades com personalidades negras não limitando apenas sobre o racismo.

Enfim é sair do gabinete ou da sala com ar condicionado, convocar toda a comunidade escolar a discutir e trabalhar em prol de uma educação antirracista e nunca desistir. O caminho terá obstáculos, pessoas do contra e empecilhos, mas com foco, metas e propósitos podemos construir um espaço de equidade social e inclusivo na escola.

Reilma Celia Moraes



RELATO DAS EXPERIÊNCIAS DOS ENCONTROS E FORMAÇÕES DO INSTITUTO GUETO REFERENTE A ESCOLA ESTADUAL DO CABOCLO

A Escola Estadual do Caboclo está localizada na zona rural do município de São José da Tapera – Alagoas. Faz parte de uma comunidade remanescente quilombola e recebe alunos de toda região circunvizinha. Hoje contamos com alunado de aproximadamente 360 alunos.

A escola desenvolve vários projetos durante o ano letivo. Um dos mais tradicionais é a semana da leitura e a semana da Consciência Negra que ocorrem entre os meses de setembro e novembro.

Durante todo o ano letivo os alunos se preparam para culminância desses dois projetos. Através de pesquisa e muita leitura que nossos alunos conseguem conhecer um pouco mais da identidade quilombola da comunidade e um pouco da história local.

O trabalho de uma cultura antirracista é feito desde a matrícula do aluno. Quando trabalhamos a conscientização de sua autodeclaração e da sua identidade. Mas nos trabalhos de projeto de vida e do acolhimento é que somos capazes de enxergar nossos alunos com mais profundidade e de perceber se existem elementos de preconceito. Nós da equipe gestora da escola já sabíamos da importância do trabalho para além do quantitativo. Já que nos deparamos com pessoas de diferentes níveis socioeconômicos e culturais. Mas através das experiências que vivemos nos encontros do instituto Gueto percebemos o quanto é importante um trabalho antirracista dentro da escola sobretudo através de evidências.

Percebemos que boa parte dos alunos desistentes são jovens negros que muitas vezes precisam trabalhar mesmo antes de terminar o ensino médio. Os pais precisam desde já da ajuda para o custeio da alimentação de casa. Além disso, a falta de informação dos pais dos alunos sobretudo mães e pais negros não fazem o uso de leitura, fazendo o uso do celular e da desinformação.

Também percebemos que boa parte dos nossos alunos e pais não sabem dos seus direitos. E que em maioria dos nossos jovens negros e pardos da nossa comunidade escolar possui uma moradia adequada. Muitos dividem uma casa pequena com mais 5 ou mais irmãos não possuindo camas e colchões para todos. E a situação é mais grave quando percebemos que nossos jovens já foram vítimas de abuso sexual até mesmo dentro de suas próprias casas.

E é nesse universo de tantos problemas socioemocionais que trabalhamos. E não vou citar aqui nem a questão do espaço físico e do ambiente escolar. Mas o que nos preocupa a cada ano é a desinformação e o nível de alfabetização dos alunos que recebemos.

A cada ano nos damos as mãos para enfrentarmos todas essas lacunas de desigualdades, desinformação, falta de tolerância e racismo estrutural. E foi através das experiências vividas nos nossos encontros que é preciso lutar pelos nossos jovens, sobretudo pelos menos favorecidos, em busca de uma educação de qualidade e de acesso a uma vida digna com equidade. Não é apenas lutar pelo antirracismo, mas o quanto isso afetas as pessoas e sua dignidade.

São muitos os desafios que enfrentamos para oferecer uma escola com qualidade para nossos jovens. Muitas são as angústias. Mas, ter a oportunidade de conversar sobre isso, com outros gestores, ajuda a localizar nosso objetivo e trilhar sempre o melhor caminho a partir das trocas. Fazer parte desta comunidade prática me ajudou a fortalecer o trabalho que já desenvolvia e o que sonho como horizonte.



ALAGOAS



DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DE UM PROTOCOLO ANTIRRACISMO NAS ESCOLAS

A elaboração de um protocolo antirracismo para a Escola Estadual Professor Rosalvo Lôbo, localizada em Maceió e componente da rede estadual pública de Alagoas, é uma iniciativa essencial para a promoção de um ambiente educacional mais justo e inclusivo. A partir de 2024, nossa instituição integra o grupo de escolas convidadas pela SEDUC-AL e o Instituto Guetto para o projeto Quilombo Educacional e, ao longo do ano, mobilizamos docentes e discentes, tanto dos anos finais do ensino fundamental quanto do ensino médio a refletir, propor e se engajar em ações de consciência racial e combate ao racismo em suas múltiplas manifestações. No entanto, este dinâmico processo apresenta desafios significativos que precisam ser enfrentados com planejamento e sensibilidade.

Ao longo da experiência vivida em nossa instituição, identificamos como principal obstáculo a falta de letramento racial entre membros da equipe e estudantes, sobretudo os dos anos finais do ensino fundamental. Isto ocasiona, por um lado, certa hesitação de parte da comunidade escolar em desenvolver ações de afirmação da diversidade de raça na escola e, por outro, a promoção de ações pontuais e pouco articuladas entre si. Foi essencial promover espaços de diálogo para esclarecer a importância do tema e combater preconceitos velados, evidenciando como o racismo, mesmo em suas formas mais sutis, afeta o desenvolvimento de alunos e alunas. Neste sentido, as reuniões do horário de trabalho pedagógico coletivo com a participação do grêmio estudantil da escola foram os momentos de estudo, reflexão e planejamento de ações para o desenvolvimento do protocolo de combate ao racismo no âmbito escolar.

ESTUDANTES AFIXANDO CARTAZES DE PERSONALIDADES NEGRAS DO BRASIL (2024)



ESTUDANTES DO 6º ANO CONHECENDO O JOGO DE AMARELINHA AFRICANA (2024)



Outro desafio foi a falta de referências concretas e diretrizes claras sobre como estruturar o protocolo. A equipe precisou buscar apoio em materiais teóricos, experiências de outras instituições e na legislação vigente, como a Lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira. A formação continuada dos docentes – atribuição principal da função do articulador de ensino – foi outro ponto crítico: muitos professores se sentiam inseguros para abordar questões raciais em sala de aula. Do mesmo modo, aqueles professores que já trabalham questões de raça em suas aulas o faziam isoladamente até a iniciarmos a reflexão coletiva na instituição.

Apesar das adversidades, avançamos ao adotar um processo participativo, envolvendo, em primeiro momento, alunos e professores, mas com planos de também envolver funcionários e familiares na efetivação do protocolo. Isso permitiu que mapeássemos ações já desenvolvidas que possam ser aperfeiçoadas, reelaboradas e melhor integradas a um projeto escolar efetivamente antirracista. O trabalho coletivo garantiu ainda que os procedimentos internos já consolidados de notificação e denúncia de situações de racismo estejam alinhados com os parâmetros da rede estadual de ensino. Procedimentos estes que, inclusive, antecipam em pelo menos um ano a publicação dos protocolos de combate ao racismo na rede estadual pública de Alagoas.

A partir de 2025, nosso trabalho se concentra em desenvolver maior consciência racial entre docentes e funcionários da escola e, para isso, contamos com o suporte do Instituto do Negro de Alagoas. Outra iniciativa de longo prazo é a promoção da autodeclaração racial em nossa comunidade escolar e o engajamento do grêmio estudantil na criação



QUILOMBO EDUCACIONAL

UMA EXPERIÊNCIA COM GESTORES DE EDUCAÇÃO DOS ESTADOS DE ALAGOAS, MARANHÃO E SERGIPE PARA A PROMOÇÃO DE ESPAÇOS SEGUROS E ANTIRRACISTAS

de canais seguros e eficazes para a denúncia de situações de racismo e demais ações de redução de incidentes de discriminação em todos os espaços da escola (inclusive nos ônibus escolares) e um ambiente mais acolhedor. Para tudo isso, será necessário desenvolver procedimentos que garantam sigilo e a resolução social e pedagogicamente adequada dos casos, além de um comitê permanente de mediadores treinados para lidar com conflitos de forma humanizada. Nossa experiência demonstra que, embora desafiadora, a construção de um protocolo antirracismo é um passo fundamental para transformar a educação em um instrumento de igualdade e respeito à herança e a contemporaneidade dos povos racializados em nosso estado.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA BELEZA
NEGRA (2ºS ANOS, 2023)



APRESENTAÇÃO DE COCO DE RODA, FOLGUEDO
AFROALAGOANO (1ºS ANOS, 2023)



EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA BELEZA
NEGRA (1ºS ANOS, 2023)



Agestão do Centro de Educação Quilombola Professor Aquiles Batista Vieira tem proporcionado a vivência de práticas e experiências alinhadas ao compromisso da escola com a promoção de uma educação antirracista. Essas experiências têm fortalecido nosso compromisso enquanto escola na promoção de uma educação mais justa e igualitária.



Sendonossoalunadomajoritariamente negros, provenientes das comunidades quilombolas de Alcântara, promovemos ao longo do ano mantemos práticas que valorizam as identidades, a cultura, a ancestralidade e a representações positivas sobre a negritude.

No campo cultural, realizamos atividades que envolvem os saberes e culturas dos estudantes e educadores, fomentando o combate ao racismo, discriminação e preconceito racial, a valorização da diversidade cultura afro-brasileira. Práticas que celebram às raízes africanas presentes nas comunidades quilombolas, como o tambor de Crioula, integram as celebrações na escola e promovem espaço de permanência e valorização cultural. O desfile da beleza negra, também é uma prática que promove a diversidade e a beleza da estética afrobrasileira. Além de promover o orgulho da identidade e autoestima negra, está prática também desafia os padrões de beleza da branquitude.

Para além das atividades culturais, nossa escola também promove discussões sobre a contribuição dos negros na história, cultura, economia, ciência e tecnologias, seja por meio de rodas de conversas, aulas, palestras, projetos, documentários ou filmes. Essas ações proporcionam aos estudantes explorar temas como as invenções de cientistas negros (as), e participação dos afrodescendentes na construção da história do Brasil e do mundo.

Entre os reflexos destas práticas podemos constatar a inexistência de atritos raciais entre os estudantes negros e não-negros, o orgulho de seus traços e identidade, e a consciência de seu protagonismo.



Nossa experiência no Centro de Educação Quilombola Professor Aquiles Batista Vieira tem testemunhado a relevância da educação antirracista na valorização da história e cultura afrobrasileira e da identidade quilombola. Fortalecendo a prática de uma educação equitativa e igualitária, e a formação de sujeitos críticos e conscientes, capazes de atuar em sociedade contra o racismo estrutural.

Atuar em rede com outros gestores foi o que mais ampliou a minha possibilidade de vislumbrar novos cenários. A oportunidade de estar em um espaço em que nos foi proporcionado trocar conhecimento, aprender mais, falar das nossas práticas e pensar em coletivo, nos fortalece em lutar contra o racismo de forma mais ampla e com maior chance de conseguir estabelecer lugares seguros de todas as opressões.



**QUE OS QUILOMBOS SEJAM
ETERNOS, MAS QUE TÃO CEDO
POSSAMOS USUFRUIR MAIS DO
QUE A NECESSIDADE DE ESTAR EM
ETERNA SUPERAÇÃO DO RACISMO.**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

ACREDITAR NO MUNDO É O QUE NOS MOVE.

Decidimos concentrar esforços para a promoção de um mundo melhor. Temos pressa, temos sede, temos gana. Decidimos investir nas pessoas, na educação, na construção de um percurso que una nossos sonhos, habilidades e comprometimento com um mundo melhor.

Para nós, a superação do racismo é um componente primordial na construção de um mundo mais justo. É a espinha dorsal que sustenta a vida de mais da metade da população brasileira.

O Quilombo Educacional se fez e ganhou vida por meio de tantos gestores e gestoras que assumiram para si o compromisso ético e mais profundo de cuidar hoje do futuro das nossas crianças e jovens.

Essa pesquisa não só coordena a combinação de dados, análise de percepções, ou outros metadados sobre cenários e possibilidades. Ela oferece um movimento de repensar a educação, a política, a seguridade e a humanidade.

Que o Quilombo Educacional possa servir de alicerce, composição e referência para tantas outras possibilidades e oportunidades de erradicação e superação do racismo, sobretudo na educação, sobretudo na vida de jovens e crianças que estão em estágio de formação e também formando novos adultos e gestores/as enquanto as múltiplas afetividades.



AGRADECIMENTOS

Muitos são os processos e as mais variadas formas de colonização do corpo negro. Sejam por meio da arte, da dominação, da animalização, e da construção de conhecimentos. Seja pela negação do protagonismo, ou do apagamento e invisibilização de forma sistêmica e constante dos referenciais produzidos por negros e negras, numa sociedade estrutural/estruturante do racismo.

Constantemente, desde a escola, na mais tenra idade, aos espaços de produção e disseminação de conteúdos, de forma científica e organizada por uma série de métodos, somos moldados por meio de vários referenciais brancos, europeus, caucasianos. Mesmo quando o assunto por diversas vezes, se dá pela crítica à branquidade, ou entendimento de formas racistas de execução da vida cotidiana, o referencial ainda é pensado-praticado do lugar do privilégio.

Produzir e praticar um Projeto/Programa de impacto é o que nos torna agentes das mudanças mais urgentes que queremos evidenciar no mundo. Este projeto não seria possível sozinhos. Foram muitas mãos, muitos sonhos, muitas mentes deslumbrando horizontes e possibilidades para nossas crianças e jovens. Vislumbrando um futuro, mas um futuro praticado hoje, no presente.

Não teríamos alcançado o Sucesso sem as equipes das Secretarias Estaduais, sem nossos articuladores locais, sem nossa equipe interna e principalmente sem o apoio incondicional e irrestrito do Instituto Unibanco. A mudança, os sonhos, a vida e os afetos só são possíveis na coletividade. Não poderíamos terminar esse agradecimento, sem pensar junto com alguém que tanto nos move nas nossas práticas diárias:

“Sou grata às muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer como mestra e guia, como meio de mapear novas jornadas teóricas. O trabalho delas é libertador” (2013, p103)

Que os Quilombos sejam eternos, mas que tão cedo possamos usufruir mais do que a necessidade de estar em eterna superação do racismo.



INSTITUTO GUETTO



QUILOMBO
EDUCACIONAL

